

CACHOEIRINHA O BAIRRO DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



CACHOEIRINHA O BAIRRO DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de **Estúdio Rebimboca**



OLHARES

São Paulo 2025



Nós, do Instituto Cyrela, acreditamos no poder da colaboração – nos novos horizontes e possibilidades que são desenhados a partir da construção coletiva. Este livro é resultado dessa força do coletivo, das histórias e saberes de todos que fazem o território da Cachoeirinha, e estamos muito felizes em fazer parte desse processo.

O foco do Instituto é apoiar a educação pública nos territórios onde há empreendimentos do Grupo Cyrela, como a Cachoeirinha, pois acreditamos que uma educação de qualidade para todos é capaz de construir o futuro que sonhamos.

Desde que chegamos na região, realizamos diversas ações em escolas, creches e organizações sociais. Aqui, conectamos sonhos, transformamos espaços de aprendizagem, formamos jovens para o primeiro emprego e apoiamos diversas iniciativas locais. Deixamos nossa marca por meio do conhecimento gerado por essas iniciativas, do estímulo a trocas valiosas e de tudo o que construímos, pensando nas pessoas e na educação como ferramenta de transformação social, a partir de um diálogo amplo e diverso com as pessoas que fazem este bairro ser tão vibrante.

Agora, com muita alegria e entusiasmo, oferecemos à comunidade do distrito da Cachoeirinha este livro potente, que conecta crianças e jovens das escolas públicas para retratar a região, e levará o conhecimento sobre a história local para todos.

Desejamos uma ótima leitura!

INSTITUTO CYRELA

*Dizem que na Cachoeira não tem samba, só dá
malandro e gente sem coração.
Não é verdade. A Cachoeira é hospitaleira, o povo é
humilde e tem consideração.*

Valdir Dicá

O território educa. As crianças e os adolescentes humanizam o território.

É necessário saber de si para se recontar. Os processos de pesquisa aqui apresentados fazem emergir as memórias soterradas por meio do protagonismo estudantil, das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo, na exploração do território da Cachoeirinha.

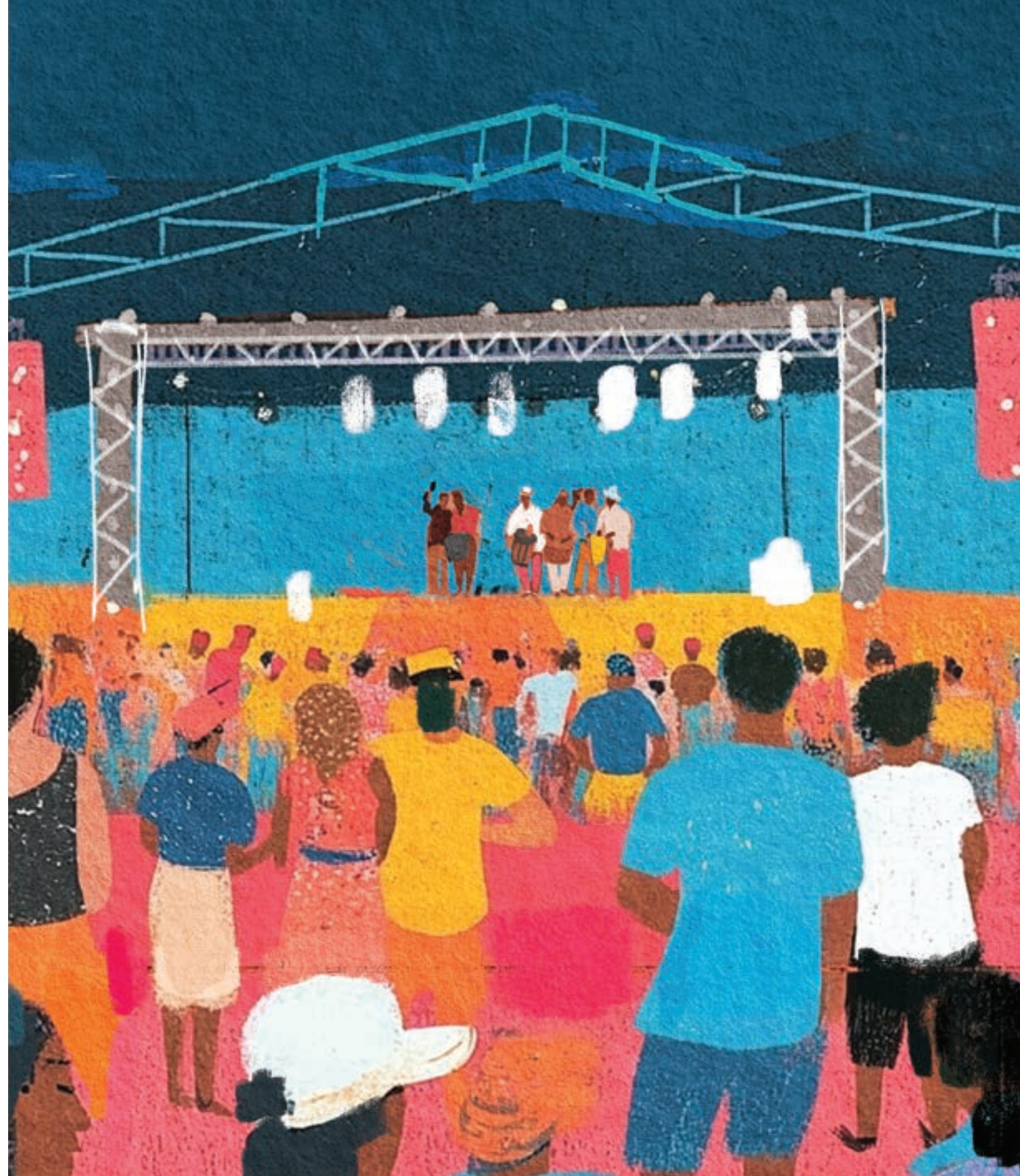
Trata-se de uma iniciativa coletiva das comunidades escolares e da Editora Olhares, que se soma aos movimentos de reconstrução da história a partir das vozes de quem vive e transforma o lugar.

As pesquisas aqui apresentadas revelam que, na megalópole de São Paulo, os territórios guardam singularidades, identidades... mapas afetivos podem ser reconstruídos para visibilizar patrimônios materiais, imateriais e ambientais, estandartes da memória, afetos.

Os territórios são espaços de memórias, convivências e celebrações. Pontos de partidas e chegadas de diversas temporalidades. Encontro das juventudes que proporcionam processos criativos e reconhecimento da diversidade, promovendo diálogos com saberes ancestrais. Em suas andanças, as crianças e os adolescentes, em diálogo com as memórias familiares, recontam a história na perspectiva do que é realmente significativo, percebido, vivido e sonhado. Nesse contexto, entre muros e asfaltos, o verde e as memórias persistem como parte integrante da permanência da beleza e do vivo.

A Cachoeirinha é lugar do nascer e do findar. Lugar de disputas e convivências de memórias, do imaginário. Estudantes, educadoras(es) e comunidade escolar escrevem para recontar a história a partir das vozes de quem vive e transforma o lugar com a sabedoria dos antigos e a vivacidade da juventude. O Bairro da Gente Cachoeirinha apresenta um território permeado por memórias e por formas de conhecer/viver, e visões de mundo plurais — saberes de cá, da nossa gente.

DRE FB - DIPED - ENSINO FUNDAMENTAL



SUMÁRIO

10	ÁGUAS DE CACHOEIRINHA
18	PARQUE Córrego do Bispo
26	ARBORETO
34	JOÃO CÂNDIDO E CARLÃO DO PERUCHE
40	CULTURA ANDINA
48	PRAÇA PAKALOLO
56	QUADRA DE FUTSAL DA S.A.C.I.
64	CCJ RUTH CARDOSO
70	TERMINAL DE ÔNIBUS





Talvez você nunca tenha pensado nisto, leitor, mas a casa onde mora pode ter sido construída sobre a várzea de um córrego, de um ribeirão ou mesmo de um rio. Não seria nenhum absurdo. São Paulo cresceu enterrando seus cursos de água.

Se alguém ainda tem dúvidas, é só prestar atenção no nome de alguns bairros: Rio Pequeno, Águas Espaiadas, Água Branca, Água Fria. Isso sem falar nas denominações de origem tupi: Anhangabaú, Tamanduateí, Guarapiranga... É melhor parar por aqui. A lista seria interminável.

Há cerca de setenta anos, as águas de um córrego corriam pelo leito da atual avenida Inajar de Souza. Esse córrego era fonte de água, meio de transporte e espaço de lazer. E foi em torno dele que se desenvolveram o bairro e o distrito dos quais os alunos de cinco escolas municipais vão falar neste livro: a região da Cachoeirinha. Seus textos nos mostrarão as riquezas desse canto da Zona Norte, onde vivem mais de 140 mil pessoas. Patrimônios ambientais, humanos e arquitetônicos cuja beleza a maioria dos paulistanos não está acostumada a valorizar.

Para quem já andou por lá, será uma alegria ler o livro. Para quem ainda não a conhece, um aviso: prepare-se para se surpreender. A Cachoeirinha é original, diversa e pulsante. O convite está feito. Pronto para virar as páginas?

ÁGUAS DE CACHOEIRINHA

Escola Municipal Gilberto Dupas

Professor Gabriel Magno Reche Gomes Silva

Turmas 8º e 9º ano POED (projeto de educação digital)

No princípio eram as águas

Tudo começou com o córrego Cabuçu de Baixo. No início do século XX, esse curso de água, que nasce ao pé da serra da Cantareira, corria livremente por 13,5 quilômetros, indo desembocar no rio Tietê. A certa altura havia uma rocha, e dali se precipitava uma pequena cachoeira que acabou por dar nome ao lugar.

Hoje a cachoeirinha não existe mais (uma academia está em seu lugar) e o córrego se arrasta sob o asfalto da avenida Inajar de Souza. Tudo passa. Felizmente, porém, ainda podemos contar com os alunos que foram a campo para resgatar parte dessas memórias. Eles agora nos levarão numa viagem ao passado por meio de textos emocionantes, interessantes e até... arrepiantes.

Onde as lendas não morrem

No dia 25 de junho de 2025, fui com meus colegas fazer um registro sobre o bairro Cachoeirinha, resgatando como era antigamente e “atualizando” sua história. Estávamos em um dia frio, com temperatura de 7°C.

Onde antes havia a cachoeira, hoje existe uma avenida. E é justamente ao lado dessa avenida que fica o local que causa medo: um cemitério. Dizem que, à noite, podem-se ouvir passos de alguém caminhando por ali, seguindo outra pessoa para enterrá-la em covas ainda não abertas.

Assustador, não é mesmo?

Rhyan Nascimento Barros, Victor Nascimento Barros, Thiago Souza

Alexandre Júnior e Miguel Ortega Nunes

Ciripini Bananini

Ciripini Bananini é uma lenda não muito conhecida em Vila Nova Cachoeirinha. Muitas pessoas dizem ter visto ele, mas outras dizem que é apenas uma lenda. Um dia um grupo de amigos decidiu fazer um piquenique em uma floresta. De repente, uma criatura apareceu e os afastou da floresta. Até hoje falam que essa criatura se chama "Ciripini Bananini".

Alexis Choque Yana





O grande alagamento

Num sábado à tarde, um rapaz jogava bola com os amigos na rua. Uma hora um deles chutou bem forte, mas mirou errado e acabou atingindo uma tampa de bueiro, na avenida Inajar de Souza, que estava destampado. Ele foi procurar a bola e viu que estava dentro do esgoto. Lá, encontrou uns botões que achava que abririam uma porta secreta, mas, na verdade, acabou quebrando o sistema de esgoto de tanto apertar. A água saiu fortemente pelas tampas dos bueiros, alagando a avenida. Muitas pessoas diziam: “A cachoeira voltou”.

Beymar Aldair Suxo

Luzes da Cachoeirinha

Nem só de terror e trapalhadas, porém, foram as histórias. O Enzo, por exemplo, pediu a ajuda dos familiares e nos brindou com um conto romântico. Vejam como ficou legal:

No coração da Zona Norte de São Paulo, entre vielas antigas e o vaivém do comércio da avenida Inajar de Souza, morava Clara, uma jovem artista plástica apaixonada por cores e sons. Ela cresceu no bairro da Cachoeirinha, entre o burburinho das feiras livres e os grafites que davam vida aos muros da comunidade. Clara via beleza onde os outros só viam concreto.

Do outro lado da avenida, no alto de uma laje com vista para o pôr do sol avermelhado, morava Miguel, um aspirante a músico que tocava violão nas praças e sonhava em viver de suas composições. Diferente de Clara, Miguel tinha raízes no sertão da Bahia, mas foi em Cachoeirinha que encontrou solo fértil para suas esperanças.

O destino uniu os dois em uma tarde de chuva fina, na Biblioteca Érico Veríssimo. Clara procurava livros de arte, Miguel buscava abrigo e uma folha seca para anotar uma melodia que surgira em sua cabeça. Ela esbarrou nele, derrubando os livros. Ele sorriu com um pedido de desculpas tímido. Naquele instante, algo nasceu – um interesse silencioso, como o cheiro da terra molhada que subia pelas janelas da biblioteca.



Nas semanas seguintes, passaram a se encontrar sem marcar. Às vezes na fila do pastel na feira de sábado, às vezes no ponto de ônibus da avenida Deputado Emílio Carlos. A amizade foi crescendo em olhares cúmplices, conversas demoradas e trocas de sonhos.

Clara começou a pintar Miguel – não o seu rosto, mas o som do seu violão, os traços da sua alma. E Miguel compôs uma canção chamada “Luzes da Cachoeirinha”, que falava de um bairro onde as luzes não dormem, e onde um amor nasceu no compasso da simplicidade.

Quando a prefeitura abriu inscrições para uma mostra cultural no Parque Lions Clube, Clara expôs suas telas e Miguel cantou sob as estrelas. A última música foi dedicada a ela. Diante da plateia, ele disse:

– Às vezes, a gente encontra o amor onde menos espera. Eu o encontrei entre os grafites da rua e o som da chuva, ali, na minha Cachoeirinha.

O público aplaudiu. Ela chorou.

Desde então, seus nomes ficaram escritos não só nas paredes de suas casas, mas também na memória do bairro. Porque o amor, em Cachoeirinha, também tem CEP, sotaque, e mora logo ali, entre uma esquina e outra.

Enzo Miguel Gomes Ferreira

PARQUE CÓRREGO DO BISPO

Escola Municipal Professor Neir Augusto Lopes

Professores Adriano Cardoso, Fabíola Martins Oliveira, Juliana Alves e Luciane Reinauer

Turmas 5º ano C e Grêmio

Uma boa vizinhança

A imagem que a maioria das pessoas tem da periferia remete a uma paisagem dominada pelo cinza do concreto. É uma verdade, mas nesse ponto a Vila Nova Cachoeirinha pode se considerar com sorte. Vizinha da serra da Cantareira, ela se beneficia do contato com alguns santuários verdes como o Parque Córrego do Bispo.

A turma foi até lá e, desligando-se das tensões do dia a dia, nos presenteou com divertidos relatos de viagem.

Com a palavra, os exploradores:

Lá no Córrego do Bispo é muito lindo. As árvores são grandes e longas. Brincamos, fizemos uma trilha e, quando chegamos ao alto, a paisagem era maravilhosa. Vimos montanhas, árvores, prédios, casas etc. Um colega viu um macaquinho entre muitas árvores lindas. Debaixo dessas árvores, o ar era bem fresco. O parque tinha muitos bichos e um mosquito que me picou, mas tá tudo bem!

Helloisa Nascimento Coimbra

A parte que eu mais gostei foi quando chegamos ao parque. No começo senti o ar fresco, o ar puro. Dava para ver um avião decolando, pássaros voando e o verde, muitas árvores, mata fechada. Mas eu fiquei com medo de escorpião, cobra... Eu mesmo fiquei olhando por toda parte com medo!

Gustavo Henrique dos Santos

Hoje foi o nosso passeio, fomos para o Parque Linear Córrego do Bispo. Caminhamos pela mata, vimos uma vista linda e entrevistamos o vigilante Daniel. Ele tem 23 anos e está fazendo faculdade para ser cientista do Parque. Fizemos piquenique, quero voltar mais vezes. Lá foi muito bom, tivemos até uma aniversariante!

Maria Clara Pereira dos Santos

Aniversariante? Sério?

Sim, a Maria Clara está certa. O dia da visita ao Parque (10 de abril de 2025) coincidiu com o aniversário de uma menina da turma: a Eloah. Como a data não poderia passar em branco, o colega Enzo levou um bolo e a turma fez questão de cantar "Parabéns". Foi muito legal, não foi, Eloah?

Hoje foi o dia mais feliz da minha vida.

Eu fui para o passeio, a gente desceu do ônibus e foi entrando. De cara encontramos um parquinho, ficamos lá ao ar livre, logo depois fomos subindo a floresta e paramos em um lugar. Ali avistamos o mirante, reparei que de um lado tinha casas e prédios, e em cima estava cinza e isso quer dizer... poluição. Do outro lado estava a mata verde, um lugar limpo... ar limpo. Depois fomos passeando por uma trilha: havia passarinhos cantando e o barulho das árvores era muito legal.

Ah! Também teve parabéns, comemos bolo e admiramos o lago. Eu amei o meu aniversário!

Eloah Ferreira de Carvalho



Coração revigorado

O pessoal do Grêmio Estudantil acompanhou todo o projeto e se juntou à meninada na visita ao Parque Córrego do Bispo. Uma vez lá, colheram uma notícia muito boa. A área está sendo reflorestada, com o plantio de nada menos que 180 árvores por dia. No total, já são 32 mil exemplares de espécies da Mata Atlântica como arazá, ingá, gabioba, castanheira, jerivá, pau-ferro e ipê.

Ao fim do dia as emoções eram fortes, e a Thalita procurou resumir o que aquele momento representou com seu poema narrativo:

Mais tarde, aproveitando as sombras das árvores
e o momento de descontração,
a professora de leitura, Juliana Alves, leu uma crônica de Daniel Munduruku com emoção.

A crônica "Tudo está sempre bem",
é sobre a natureza e o meio ambiente,
de ter um olhar mais atento,
de lembrar que o mundo pede entendimento.

Falamos então daquilo que se sente
quando o verde toca na gente.
Não precisa viagem, nem cenário encantado,
a beleza está bem aqui, ao nosso lado.

Voltamos para a escola cansados,
mas com o coração revigorado.
Um pedaço do dia ficou em cada um:
o vento que ecoava, as árvores que balançavam,
as brincadeiras e as conversas que rolavam
preenchendo algo que faltava.
Essa experiência incrível que tivemos com colegas e professores
ficará em nossa memória
e sempre poderemos recontar essa história.

Thalita Melissa de Oliveira

ARBORETO

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NEIR AUGUSTO LOPES

Professores: Adriano Cardoso, Fabíola Martins Oliveira, Juliana Alves e Luciane Reinauer

Turmas: 5º ano C e Grêmio

Nos tempos do imperador

O Brasil era uma monarquia, quando Sua Majestade o rei dom Pedro II convidou o naturalista sueco Alberto Loefgren para cultivar e fazer experiências com plantas na província de São Paulo.

Dez anos depois, em 1896, o naturalista conseguiu do governo a desapropriação de uma área do engenho Pedra Branca e ali instalou um Horto Botânico. O local recebeu várias denominações até que, em 1992, após uma visita do rei Carlos Gustavo e da rainha Sílvia, da Suécia, adotou o nome de Parque Estadual Alberto Loefgren.

Cheia de animação, a garotada foi até lá revisitar um de seus quatro núcleos, o Arboreto Vila Amália. Revisitar sim, porque eles já tinham ido ao local em 2024, aprendendo um bocado com o historiador Robinson Dias. Dessa vez, voltaram com o olhar mais aguçado.

O Arboreto é uma área de 35,47 hectares (equivalente a 50 campos de futebol) com árvores históricas, um museu e um palácio de verão. Fora a diversão, o passeio rendeu textos geniais como este acróstico.



Alívio para o corpo.
Relaxar, pois a vida não está fácil!
Borboletas que enfeitam.
Orvalhos que brincam em nossa pele.
Respeito para o que é nosso.
Emoção que traz paz para o coração,
Tranquilidade para a família,
Olhos atentos para a natureza.
Projeto bairro da gente,
Encantamento para a alma.
Responsabilidade, o parque é nosso!
Imersão que traz paz, necessidade nossa.
Produção coletiva

De volta para o futuro

Passear pelo Arboreto foi uma experiência bem bacana. Nos seus relatos, os alunos falaram não só do que sentiram no dia, mas também de como se imaginam voltando para lá num futuro distante, quando estiverem com a senil idade de dezoito anos.

No parque do Arboreto praticamos uma respiração profunda com a professora Fabíola no meio da trilha!

Tomara que no futuro o parque do Arboreto melhore: a natureza, o ar... os animais.

Quero, quando tiver dezoito anos, levar a minha família para um piquenique e fazer muitas outras coisas tipo jogar bola, vôlei... e caminhar.

Elias da Silva Santos

No Arboreto tem um campo de futebol e uma quadra, mas indo para a frente você vê muitas árvores e plantas e flores tipo rosas e uma flor amarela que eu não lembro o nome e tinha uma nascente. Foi muito legal! Recomendo! Quando eu tiver dezoito anos irei com os meus amigos para jogar bola, andar na trilha, ver se a nascente ainda está com água e lembrar da respiração que nós fizemos lá quando eu tinha onze anos.

Antônio Carlos Paz de Azevedo

Nunca vou esquecer a aventura que vivi no parque do Arboreto vendo as matas, joaninhas, borboletas de todas as cores, flores... como girassóis. A temperatura na mata caía e o vento balançava os fios do meu cabelo... que sensação gostosa! No futuro me imagino no Arboreto com meus amigos, fazendo um piquenique com vários pães e uma cesta de guloseimas. Vamos tirar fotos, brincar e depois deixar o parque limpinho. Vai ser uma festa sem fim.

Andreza Lima Nascimento da Silva

Conceição Evaristo

Outra produção para lá de criativa foi uma releitura do poema “Vozes mulheres”, da escritora Conceição Evaristo. O texto traduziu com perfeição as muitas emoções da visita.

A voz da natureza ecoou
a pureza das crianças
e ecoou os lamentos
de um lugar abandonado.
A voz da natureza ecoou
em nossos ouvidos,
revolta por estar
em um lugar lindo,
mas que também pode oferecer perigos.

A voz do passarinho ecoou
como canto
e conexão com o divino –
um momento de silêncio.

O instante sagrado ecoou
paz e encontro,
o desejo de seguir,
e a vontade de ir mais longe,
no voo da escrita e do sonho,
sem fim nem retorno.

A voz da natureza ecoou
como súplica
e pedido de respeito.

Ecoou também o desejo de
transformação,
tal qual a borboleta:
rápida, cheia de beleza,
trazendo leveza para o olhar,
para o desfrute da comunidade

e a salvação do planeta.

A voz da natureza ecoou
nas pessoas,
os verdes que são
donos de tudo.
A voz da natureza ecoou
folhas no fundo da mata,
debaixo, as plantas;
por cima, um caminho empoeirado.

Produção coletiva

Grêmio na parada

Assim como no caso do Parque, a turma que foi ao Arboreto teve a companhia do pessoal do Grêmio Estudantil. Isso foi ótimo, porque eles também criaram textos como este aqui da Gabrielly.

Quando começamos a trilha, percebemos como as pessoas não ligavam para a preservação da natureza. É difícil entender como as pessoas vão para um lugar para fugir da sujeira da cidade e, mesmo assim, continuam sujando um lugar que deveria ser puro e preservado. Está cheio de lixo. Árvores lindas, mas entre elas algumas agonizantes, feridas e até caídas.

Ao ver como estava o lugar que idealizamos ser um pedaço do paraíso, um lugar de paz, conseguíamos perceber a agonia e a resiliência da natureza. A culpa é nossa, seres humanos que pensamos apenas em consumir e explorar em nome do lucro. Nós acabamos com as coisas assim que tocamos, acabamos com o meio ambiente. Isso só nos faz refletir: a cada gesto que temos para destruir a natureza, menos tempo teremos no nosso planeta.

Gabrielly da Silva Pereira



JOÃO CÂNDIDO E CARLÃO DO PERUCHE

Escola Municipal Humberto Dantas

Professoras Patrícia Fernandes Dias Torres, Bruna Ribeiro Dias, Thaís

Regina de Camargo e Ana Maria Parolo Pinto

Turma Imprensa Jovem

Muitos povos, vozes diversas

Pode parecer estranho a quem visita a região da Cachoeirinha hoje, mas o início do seu povoamento se deu por meio de famílias de japoneses que plantavam batatas e hortaliças. Não por acaso, o Largo do Japonês é ainda uma referência na região.

Com o tempo, algumas áreas foram loteadas e a região passou a atrair migrantes. O resultado foi a diversidade populacional que atualmente caracteriza o bairro. Além de ganhar a vida com dificuldade, uma parte desses recém-chegados produziu arte. João Cândido da Silva é um bom exemplo disso.

O ateliê

João Cândido nasceu em Campo Belo, Minas Gerais, e ainda pequeno veio morar no bairro Casa Verde, na capital paulista. Embora sempre tenha tido que trabalhar e estudar, sua residência era um verdadeiro ambiente de criação. A Laura, a Luanna e o Cristiano, junto com a professora Patrícia, vão explicar isso melhor:

Foi com dona Maria, sua mãe, que tudo começou. Mulher firme, bordadeira, lavadeira, artista nas horas em que o tempo permitia, ela ensinou mais que sobrevivência: ensinou poesia no gesto, beleza no simples, e arte como forma de esperança. Ela pintava bonecos de madeira, costurava para fora e mantinha a casa com dignidade.

Autodidata, foi a primeira a transformar o cotidiano em criação. Em silêncio, acendeu a centelha que viria a iluminar toda uma geração de artistas em sua família. Os filhos aprenderam observando suas mãos, seu cuidado e sua coragem. João, especialmente, guardou cada gesto como quem guarda um segredo precioso.

Na arte, ele não encontrou só beleza. Encontrou abrigo. Fez dela seu ofício, sua forma de resistência, seu modo de dizer ao mundo quem ele é. Trabalhou como motorista, como operário, mas foi na madeira e na pintura que encontrou sua liberdade.

Hoje, aos 92 anos, João continua sendo inspiração. Não apenas pelos quadros, esculturas e pilões que cria, mas pela forma como vive, pela fé no que faz, pela paciência no gesto, pela coragem em não desistir.

Seus quadros não são apenas paisagens, são lembranças.

Suas esculturas não são apenas madeira, são memória. E suas mãos... ah, suas mãos... são sementes de um Brasil que resiste, que dança, que cria.

Luanna Souza Bazilio, Laura Kaene de Melo, Cristiano Pereira Conceição e profª Patrícia Fernandes Dias Torres

O amigo Carlão

Além da contribuição no campo das artes visuais, consagrada com exposições em espaços como o Centro Cultural dos Correios, João tem o nome ligado à música. Ao samba, mais precisamente. Em 1957, ele foi um dos fundadores da Sociedade Esportiva Recreativa Beneficente Unidos do Parque Peruche, tradicional escola paulistana. Ali teve contato com figuras como Carlão do Peruche, um “cardeal do samba” que lutou pelo reconhecimento da cultura popular nos anos 1960.

Ainda vivo e morando no mesmo lugar de quando chegou a São Paulo, João Cândido é um orgulho da Zona Norte, um criador que merece todas as homenagens e alguém que deixa um legado de resistência. Seu talento é honrado neste poema da Imprensa Jovem.





As mãos de João

Na Casa Verde, há silêncio que canta,
um tambor que pulsa nas cores da alma.
João Cândido da Silva, mãos longas e vivas,
esculpe memórias no tempo que passa.

Veio das Minas, com sonhos na mala,
na garoa fina de uma São Paulo fria.
Com olhos de menino e peito de artista,
viu prédios virarem montanhas estranhas.

Dormiu sob escadas, em noites sem cama,
com a mãe bordadeira, tecendo esperança.
Com carvão e madeira, rabiscava futuro,
enquanto a cidade girava seus trilhos.

Dos trilhos do pai – que cravava caminhos –
às linhas da arte, João foi traçando
um mundo de fé, tambor e saudade,
entre pátios santos e espantalhos urbanos.

Autodidata do barro e da tinta,
filho de mãos que sabiam criar.
No Embu e na praça, plantou sua arte,
ao lado de irmãos, de Ilza, de vida.

Do Moçambique herdou os passos,
da Peruche, o compasso do samba.
No vaivém das esculturas e quadros,
levou o sagrado ao encontro do simples.

É São Francisco, é a rua, é o povo,
é espantalho pendurado no varal,
é o traço preciso entre fé e paisagem,
com as cores suaves de um sonho plural.

Hoje, aos noventa e dois, ele segue,
com olhos que brilham e mãos que criam.
Mãos que não ferem, que não impõem,
mas revelam – em silêncio – o que é divino.

João não pinta só imagens ou formas,
pinta histórias que não cabem em palavras.
E nos ensina, sem dizer,
que viver... também é arte.

Produção coletiva

CULTURA ANDINA

ESCOLA MUNICIPAL HUMBERTO DANTAS

Professora: Patrícia Fernandes Dias Torres

Turmas do 7º ano A e participantes das Danças Andinas

Bienvenidos

Primeiro foram os japoneses, depois vieram os trabalhadores de vários cantos do país. Quando tudo parecia mais ou menos estabelecido, uma novidade apareceu nas ruas da região: pessoas de pele morena, olhos puxados e cabelos corredios começaram a circular por aqui. Eram migrantes vindos de países como Paraguai, Venezuela e, principalmente, Bolívia.

Hoje eles já fazem parte do painel social da Cachoeirinha, integrando a comunidade escolar.

A turma fez uma pesquisa bem legal sobre a Bolívia e dali vieram mil descobertas. Para começar, a poetisa Maria Estrella nos fala sobre seus idiomas. Idiomas si, señor, com esse no final.

As vozes da Bolívia

No coração da América do Sul,
Surge a Bolívia, tão bela e plural,
Com montanhas, culturas, mil cores no ar,
E línguas que vivem no jeito de falar.

O espanhol se ouve com força e paixão,
Mas não caminha sozinho nessa nação,
São muitas as línguas que moram ali,
E todas com voz, com valor, com raiz.

Quíchua, aimará, guarani também,
São línguas de povos que vivem tão bem,
São trinta e sete, é grande a união,
Mostrando respeito e preservação.

Cada palavra é história cantada,
De luta, de amor, de alma encantada.
Na Bolívia, falar é um ato de ser,
É cultura viva, é aprender e viver.

Língua é ponte, é identidade,
E parte da alma de uma sociedade.
Na Bolívia as línguas dançam no som,
Unidas em paz, num só tom!

Maria Estrella Bustamante Garcia

Força e leveza

A expressão corporal é outro campo das artes que revela a riqueza cultural andina. As tradições, a história e a identidade se mantêm vivas por meio da música e das danças. A Sheyla e a Maria nos mostram, por exemplo, que a música da Bolívia carrega muito mais do que sons bonitos:

Nas músicas tradicionais, como a Morenada, o Tinku e o Salay, podemos sentir a alegria das festas e a força da cultura indígena. Muitas canções falam da natureza, das montanhas, da terra e do respeito pelos antepassados. Outras falam de amores, saudade ou da vida difícil do povo que luta todos os dias. A música boliviana é um símbolo de orgulho, resistência e união.

Sheyla Yamilet Condori Quelca e Maria Luiza Isabelly de Almeida Freitas





O corpo fala

E as danças bolivianas? São uma maravilha à parte, com uma linguagem visual poderosa e rica em detalhes. Além do bailado, elas são um retrato e um comentário sobre a sociedade daquele país, conforme nos ensina a garotada:

Mistura das culturas indígena, africana e espanhola, a dança caporal surgiu como uma homenagem aos antigos chefes nas fazendas durante o tempo da colônia, os “caporales”. A dança é feita com passos fortes e roupas coloridas, cheias de brilho e detalhes. Os dançarinos usam botas com sinos, que fazem barulho a cada movimento, mostrando energia e poder.

Já a dança salay é mais leve e divertida. Os dançarinos usam roupas típicas de camponeses e fazem passos rápidos e animados. O salay mostra a vida no interior da Bolívia, com foco nas tradições dos povos indígenas e na relação com a terra. Muitas vezes, é dançada em duplas, com movimentos que imitam o namoro e a brincadeira.

Produção coletiva

Acepipes andinos

Você já ouviu falar em salchipapa? Saiba, então, que esse prato rápido surgiu entre 1950 e 1970 na cidade de La Paz, capital da Bolívia, e é feito basicamente com salsicha e batata. E o Pique a lo Macho, conhece? Criado em Cochabamba, mistura carne, salsicha, cebola, pimentão, tomate, batata e ovo cozido. Gostaria de conhecer outras delícias? Sem problemas. O Paul nos leva aqui a uma viagem pela culinária andina.

Sabor da Bolívia

Nas terras altas, onde o condor voa,
A culinária é feita com amor, revela a tradição.
Silpancho, um prato substancioso e farto,
Com carne, arroz e ovo, uma iguaria brilhante.

Salteña, uma empanada succulenta e fatal,
Com carne e azeitonas e um sabor substancioso.
Pique a lo macho, uma explosão de sabores,
Com carne, linguiça, ovo e mil cores.

Sopa de amendoim, cremosa e espessa,
Com carne, vegetais e um toque de companhia.
Ají de lengua, picante e saboroso,
Um prato andino muito saboroso.

E para adoçar tudo o delicioso Sonso,
Feito com mandioca, queijo e um toque de honra.
Llajwa, um molho picante e essencial,
Que acompanha tudo na mesa da família.

Em cada mordida, uma viagem ao coração da Bolívia,
Uma terra de rica tradição.
Com aromas e sabores ancestrais,
A comida boliviana é uma iguaria que vale a pena experimentar!

Paul Songyou Alvarado Millan

PRAÇA PAKALOLO

ESCOLA MUNICIPAL MARCÍLIO DIAS

Professores: Cátia Cristina de Melo Ferreira, Camila Ramos Guandalim, Milton Garcia Silva, Natame de Almeida e Priscila Aparecida Paiva Fagundes

Turmas 7º ano A e B

Paka o quê?

Pakalolo? Vem cá, o nome é esse mesmo? Mas praça não tem que ter nome de um morto importante, de uma data cívica ou de um evento histórico? E o que é um pakalolo? Um raio, um pássaro, um avião? Parece que temos muitas perguntas aqui, não é? Felizmente a Manuela traz a resposta.

Pakalolo foi uma marca de roupas e acessórios fundada em 1987, e que se destacou por suas roupas coloridas, despojadas e voltadas para o público jovem. Pakalolo é uma gíria havaiana que se refere a um estilo de vida relaxado, com a cara dos surfistas.

Manuela Carvalho de Oliveira

Ufa! Agora tudo está explicado. Mas então o nome oficial da praça é outro, certo? Será que a Eduarda pode tirar essa dúvida para nós?

A Praça Antônia Maturano está localizada na Vila Roque. Ela foi revitalizada com melhorias físicas, incluindo a construção de uma nova quadra de esportes, reforma do parquinho, instalação de aparelhos de ginástica e a melhora da iluminação pública.

Eduarda Munhoz



Trabalho e fé

A garotada da EMEF fez uma visita à praça (foi moleza, ela fica a 350 metros da escola), e entre uma investigação e outra levantou a hipótese de que o local tem esse nome porque no início a maioria dos frequentadores usava essa marca de roupa. Faz sentido.

De resto, tivemos textos bem bacanas, que dão uma mostra de como aquela experiência abriu os olhos da galera para aspectos da realidade que nem todos estão habituados a perceber.

Pequenas amizades

Não sou biólogo,
Mas amo as formigas.
Na Pakalolo
Encontro minhas amigas.

Uns dez formigueiros,
De tamanhos variados.
Queria ir à praça
Não só nos feriados.

Sua força me encanta.
Constroem o que eu não vejo
Desde a mais pequeninha
Até a maior do vilarejo.

As formigas são inteligentes.
Ajudam sua comunidade,
Carregam todo o peso
Para além da capacidade.

David Augusto de Barros Melo

No congá de luz

Começa a gira.
O atabaque bate forte,
chamando as almas,
espelhando o corte.
O ponto sobe,
se mistura ao ar,
e cada nota
faz o corpo se soltar.

O incenso sobe
em espiral serena,
como quem reza
sem dizer o tema.
Vai levando pedidos,
dores e fé,
no vento que sopra
de onde Exu é.

As velas tremem
diante do congá.
Feito luz que mostra
por onde andar.
A pemba risca no chão
a intenção.
E cada traço
Abre o coração.

Na umbanda
o canto é oração,
A dança é entrega,
pura conexão.
Caboclo, crianças,
marinheiro, preto-velho.
Cada guia é cuidado,
é espelho.

O banho de ervas
limpa e acalma.
Tira o peso,
refresca a alma.
Renova por dentro,
de leve, com calma.
Deixa tudo mais claro
no corpo e na palma.

A Pakalolo é lugar de ofertório.
A oferenda é singela
fruta, flor, mel.
Mas carrega um amor
doce como o céu.
É entrega de fé,
é carinho que vibra,
é conversa com a força que habita.

Na corrente,
ninguém fica só.
Umbanda abraça,
tira o nó.
Tem cura no canto,
no passe, no olhar.
Tem guia no chão
para nos ajudar.

No congá de luz,
tudo faz sentido.
É fé viva,
caminho seguidor.
É aprendizado
que vem do amor.
É amor que se aprende
ao colher.

Anna Beatriz Silva Guimarães de Jesus



Além da imaginação

A visita à praça fez o olhar dos alunos se direcionar para o campo da fantasia também. Em vez de descrever o “real”, por exemplo, o Murilo escolheu falar de coisas que só ele era capaz de ver:

Encontramos três naves.
A primeira me levou até uma nave maior.
A segunda me deu um susto porque foi invadida.
A terceira estava abandonada e me deixou curioso.

Murilo Jesus de Oliveira



E o que dizer desse poema concreto da Esther? Com as palavras formando uma imagem, ela reflete sobre as nossas limitações e o nosso poder de interferir no destino. Simplesmente genial:

que a vida nos
a b
r a
o l
h a
m n
e ç
t a
Esther Victoria Luz

Lenda urbana

Uma construção destruída após um incêndio e supostamente “mal-assombrada” foi outro item que chamou a atenção dos alunos. A Manuela, por exemplo, recontou a história em versos.



Perto da praça
Há uma casa.
Sua beleza e suas plantas
Contam uma história
Não tão feliz.
Já foi morada,
Hoje é disputa,
É abandono.

O fogo da vela
Mudou a história
De um casal,
Que na lembrança
Contente vivia.
Na Praça Pakalolo
O seu dia
Enchia de alegria.
Manuela Carvalho de Oliveira

QUADRA DA SACI

ESCOLA MUNICIPAL MARCÍLIO DIAS

Professores Catia Cristina de Mello Ferreira, Camila Ramos Guandalim, Milton Garcia Silva, Ana Lília Jacobino de Sousa e Clara Regina Gonçalves Martins de Carvalho

Turmas: 6º ano A e 6ºano B

Como assim!? É o Pererê?

Não exatamente, mas Saci é uma palavra que traz um sorriso ao rosto de muita gente na ZN. SACI é a sigla para Sociedade Amigos e Colaboradores do Imirim. Estamos falando de um ponto de encontro. Em seus mais de 2 mil metros quadrados, a quadra tem sido o local preferido da comunidade para a prática de esportes e a realização de festas. A SACI é um baú de histórias, um berço de amizades, um lugar de doces memórias. Isso explica o sorriso no rosto das pessoas.

O Ronaldo usa a veia poética para explicar isso melhor:

O Saci é um lugar para dançar, festejar e jogar. Ele tem uma história, mas não sou eu quem vai contar. Eu vou falar das festas.

As festas, danças, músicas e feijoada, muita comida e até rabanada. Momentos para fazer piadas e tocar músicas engraçadas e muita curtidão desenfreada.

Ronaldo Filho de Freitas Assis

Duas paixões

A SACI foi fundada por Guido Giovanne Roche em 1945. Tem, portanto, oitenta anos. É tempo, não é? Ali já se realizaram diversos eventos, mas dois tipos chamaram mais vivamente a atenção da turma. Como ali há uma quadra, o primeiro deles é bem fácil de adivinhar, não é, Manuela?

Na quadra da SACI a turma brinca,
corre, chuta, grita e não se cansa.
A bola rola, o time vence,
tem alegria em toda gente.

Amigos jogando com muito prazer,
rindo, aprendendo a dividir.
Aqui a amizade é o que mais vale,
e dá vontade de voltar e sorrir.

Manuela Dantas de Jesus de Souza



Já em seus versos, a Maria Fernanda celebra aquele momento como uma fonte de felicidade, tanto para os que se enfrentam na quadra quanto para os que assistem ao jogo na arquibancada.

Em meio à torcida, a família se encontra
Unidos no amor, a cada lance, a torcida canta.
Pais e filhos, com o mesmo fervor,
celebrando juntos o gol
e a emoção que faz vibrar o torcedor.

A bola rola, o tempo voa,
a cada jogada, a alegria fala.
Em cada abraço, um laço a mais
Família unida nos campos é bom demais.

Maria Fernanda Batista Santos

Mais filosófico, o Paulo Ricardo reflete: até de uma simples partida podemos tirar importantes lições.

Mas não é só glória ou troféu
É respeito, é alma, é superação.
É cair e se erguer sem véu,
é vencer sem perder a razão.
Um jogo é mais que disputa ou fama,
É lição que ao corpo e à alma ensina:
que no campo, na quadra ou na grama,
a vitória é de quem nunca desanima.

Paulo Ricardo Jardim de Souza



Marido e mulher

Outro tema que mexeu bastante com a curiosidade da turma nas entrevistas e nas pesquisas foi o casamento. Milhares de noivos e noivas da Vila Nova Cachoeirinha, do Imirim, da Casa Verde e de outros bairros da ZN realizaram ali suas festas. A Rafaella procurou dar destaque à movimentação e às agitadas emoções que marcam esse dia.

Casamento, onde
pessoas pendentes
dão presentes,
onde pessoas
desejam com
coração, iluminação.

Casamento, onde
falam: se alguém
estiver contra esse
casamento fale
agora ou se cale
para sempre.

Rafaella Santos Antônio

A Marleny, por outro lado, nos trouxe a ideia de que esse rito é uma mistura de alegria, comunhão, lirismo e sonhos:

No altar reluzente, o amor se revela.
Olhares apaixonados, promessas no ar,
corações em festa, a vida é uma tela.
Cada passo junto é um sonho a brilhar.
Sorrisos e risadas, amigos a cantar.
Na dança da vida, prontos para amar.

As flores perfumadas enfeitam o caminho,
a luz das velas brilha como o sol.
Com cada brinde erguido
celebramos carinho,
histórias entrelaçadas em um lindo farol.
Que a alegria eterna seja sempre a razão
neste laço sagrado, pulsando em união.

Marleny Mamani Vargas



CCJ RUTH CARDOSO

Escola Municipal Sebastião Nogueira De Lima
Professora Lúcia Sara Batista
Turma 9º ano C

Ainda sem exibir o nome da antropóloga Ruth Cardoso (1930–2008), o Centro Cultural da Juventude da Vila Nova Cachoeirinha foi inaugurado em 2006, e logo tornou-se um espaço amado pela comunidade da ZN. Em seus 8 mil metros quadrados de área, o local oferece oficinas teatrais, aulas, workshops, espetáculos de circo e dança, entre outros. Muitos outros, no caso. Além disso, já abrigou shows de artistas como Criolo, Elza Soares, Nelson Sargento, Manu Chao e Liniker.

O CCJ fica a pouco mais de quinze minutos de caminhada da escola. É absurdamente perto, e isso animou os alunos a darem um pulo até o local.

Brevíssimo

Para descrever as sensações da ida ao CCJ, a galera escolheu um tipo de narrativa conciso, breve e objetivo: o nanoconto. Tivemos produções tão sintéticas que, olha só!, o crédito dos autores ficou maior que o texto.





Os dois últimos nanocontos, a propósito, têm os mesmos autores.

Virou arte

Na quebrada, o eco dizia “rouba”.
O CCJ sussurrou “cria”. E ele virou arte.

Ruthy Gabrielly de Souza, Manuella Almeida
Maragni, Heloísa Gomes Lima, Júlia Emanuela
dos Santos Souza, Sarah da Silva Souza, Nicolli
Caro Baracal, Luiz Felipe de Lima Souza e Tharcio
Renan Aparecido Marana de Oliveira

Brotou Mural

Roda um sarau, ecoa uma oficina,
brota um mural.

Arthur Aquino da Silva Santos, Gustavo
Palharo Firmo, Deivid Geovane Viana
Fernandes, Lincoln Moura Moraes, Yudi
Felipe de Souza Oliveira, Anna Beatriz
Selestrino dos Santos e Gustavo Ledis
Pinto dos Santos

Mudança

O CCJ te dá palco e a partir dele
você pode mudar o mundo.

Aprender e mudar

Quando você entra no CCJ, você
aprende muitos assuntos; ao sair,
você quer mudar o mundo com eles.

Jonathan Leandro Silva Pereira, João Carlos
Dantas da Silva, Wendell Nascimento Souza,
Eriki Magalhães Santos, Gabriel Carvalho de
Campos, Miguel Quirino Rodrigues e Nicolas
Santos Nogueira

Hora do textão

Outras formas de expressão escolhidas foram o microconto e a poesia. Com mais espaço, a turma se soltou ao descrever os fatos do passeio. Tivemos até a prática de uma nova forma de terapia:

Paranauê, paraná!

Numa certa manhã, meninos e meninas praticaram capoterapia no Centro Cultural da Juventude. Com olhos atentos, eles se exercitaram com pessoas de várias idades. Não só interagiram, como praticaram o respeito e a união.

Produção coletiva

Transformação e esperança

O Centro Cultural Ruth Cardoso nasceu para transformar a comunidade, cresceu com a cultura, a educação, acolheu talentos e despertou sonhos. Hoje inspira e muda vidas com esperança.

Arthur Aquino da Silva Santos, Gustavo Palharo Firmo, Deivid Geovane Viana Fernandes, Lincoln Moura Moraes, Yudi Felipe de Souza Oliveira, Anna Beatriz Selestrino dos Santos e Gustavo Ledis Pinto dos Santos

Biblioteca Viva

Entre a movimentação e os escombros do esqueleto escondia-se uma biblioteca viva, cheia de livros e cultura. Suas páginas arrancavam lágrimas, narravam o sofrimento dos nossos ancestrais, mas também nos ofereciam conhecimento e força.

Esqueleto

Escombros.
Destruição.
Ali, um livro esquecido.
Seu nome, escondido.
Antes, esqueleto.
Hoje, CCJ: força, não mais fracassado.
Onde havia medo, agora há voz.
Onde havia dor, agora há renascimento.

Esses dois textos foram escritos por:

Ruthy Gabrielly de Souza, Manuella Almeida Maragni, Heloísa Gomes Lima, Júlia Emanuela dos Santos Souza, Sarah da Silva Souza, Nicolli Caro Baracal, Luiz Felipe de Lima Souza e Tharcio Renan Aparecido Marana de Oliveira



TERMINAL DE ÔNIBUS CACHOEIRINHA

Escola Municipal Sebastião Nogueira De Lima
Professor Daniel Lourenço
Turma 7º ano A

Passageiros

Se você um dia se sentar no banco de um terminal de ônibus e olhar para o vaivém dos usuários, pode sentir um pouco de vertigem. A mistura de estímulos visuais e auditivos forma um tremendo caos. Tudo, porém, pode ganhar uma nova perspectiva se você vir a coisa por outro lado. Pode-se pensar que no meio daquele corre-corre há também um ir e vir de histórias, que se cruzam aqui na nossa região.

Determinada a resgatar algumas delas, a turma foi atrás de personagens cujas vidas estiveram ligadas ao Terminal. O primeiro depoimento, inspirado na história do próprio professor, vem na batida de Led Zeppelin, Rita Lee, Made in Brazil e Guns N' Roses.



Daniel

Próximos às catracas, Daniel e seus amigos se organizavam em busca da fila do ônibus 9501, com destino ao Largo do Paissandu. Para os garotos, aquela viagem era muito mais que um deslocamento; era a travessia para um outro universo.

O trajeto percorria as extensas avenidas Inajar de Souza, Marquês de São Vicente e Rio Branco. Do ônibus, Daniel assistia à paisagem se transformar: as ruas estreitas e as casas modestas da Zona Norte davam lugar a avenidas largas e arranha-céus. A cidade se revelava em sua multiplicidade.

Após horas de caminhada, compras e descobertas na Galeria do Rock, o grupo retornava. Ao desembarcar no Terminal Cachoeirinha, a sensação era de missão cumprida. A jornada era curta em distância, mas imensa em significado. Para Daniel, cada passeio era uma afirmação de pertencimento, uma aula fora da escola, uma forma de conhecer melhor a si mesmo e ao mundo que o cercava.

Produção coletiva

Flávio

“Na época da construção a estrutura era modesta: madeira e telhas de amianto, material hoje proibido. Imagina só, com a estrutura que tem hoje, pensar que um dia tudo aquilo foi de madeira e telha”, relata Flávio Fernandes de Souza com olhar saudosista.

Nos anos 1990, com seus trinta e poucos anos, ele utilizava o Terminal para se locomover até o trabalho na Barra Funda. Para ele, a importante obra facilitava o acesso aos demais lugares da cidade. “O início do funcionamento do Terminal Cachoeirinha foi meio confuso e bagunçado, mas aos poucos e com ajustes a obra melhorou muito o transporte público da região.”

Produção coletiva



Maria Aparecida e Sarah

Nascida em Serra Talhada, Pernambuco, Maria Aparecida sempre achou que o Terminal representava a chance de chegar mais longe. Os corredores de ônibus eram, em seu olhar, corredores de possibilidades.

Já sua filha Sarah, mais sensível, sonha com um terminal acessível e com ônibus que não sufoquem os corpos e os sonhos dos passageiros em horários de pico.

Ambas guardam lembranças doces da inauguração. Os comércios que surgiram como flores depois da chuva, os olhares curiosos que exploravam os ônibus “sanfonados” como se fossem vagões de um trem encantado. Elas recordam com carinho aquele tempo em que as filas, ainda desorganizadas, eram parte da coreografia caótica da cidade.

Entre embarques e despedidas, Maria e Sarah construíam uma rotina costurada com afeto, onde o transporte era apenas pano de fundo para uma história muito maior: a de duas mulheres que, lado a lado, aprendiam a amar o caminho tanto quanto o destino.

Nadynne Souza Azevedo





Simone

Meu nome é Simone Regiane. Fui funcionária do Terminal no início dos anos 2000, trabalhando na bilheteria. Hoje percebo o quanto esse trabalho era essencial para o bom funcionamento do transporte público e para o dia a dia da população.

O trabalho na bilheteria envolve empatia, agilidade e muita paciência, pois o fluxo de pessoas era grande e cada uma tinha uma “história”. Muitas estavam cansadas, estressadas, alegres ou até mesmo fora de si.

Eu contribuía também para a melhoria do fluxo e segurança dos passageiros, pois muitos acabavam pedindo informações sobre locomoção dentro e fora do Terminal. Naquela época os pagamentos só podiam ser feitos em dinheiro, pois as catracas da entrada eram travadas e não tínhamos o bilhete único.

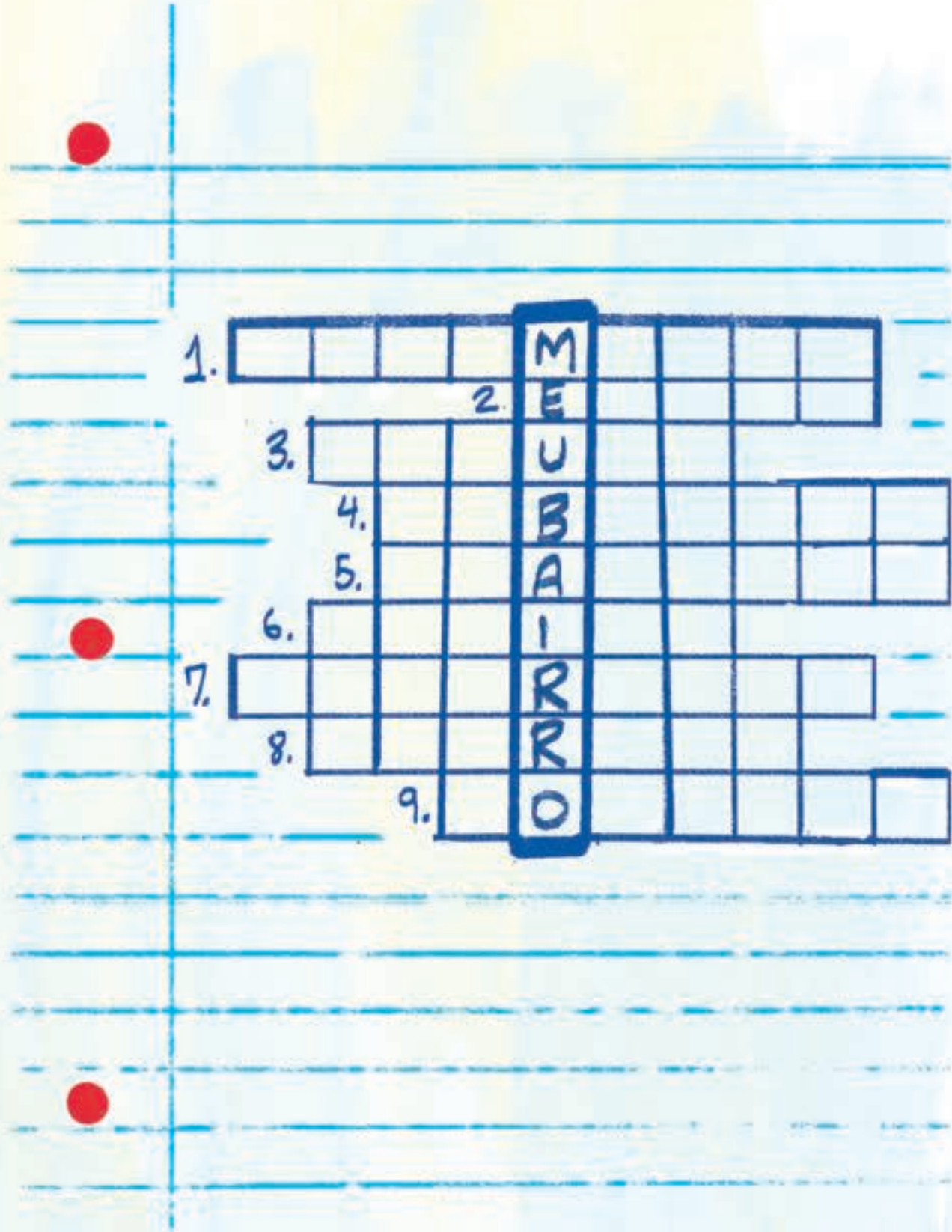
Hoje me orgulho, mesmo que indiretamente, de ter feito a diferença com um gesto simples ou até uma orientação, num lugar que trouxe e ainda traz tantos benefícios para o nosso bairro.

Lucas Renato Pereira Barbosa e Rebeca Mel Pereira Barbosa

Preencha as colunas

Vamos dar adeus a esse passeio coletivo e literário pela Cachoeirinha com um pequeno jogo. Enquanto preenche os espaços vazios, você se lembrará dos patrimônios escolhidos e eles viverão mais um tantinho na sua memória. Esperamos que se divirta e que o livro seja um convite para que esse “jogo da memória” continue, com novas descobertas e pesquisas trazidas à luz.

- 1. Festa que ocorre na quadra da SACI.
- 2. Fez aniversário na visita ao Parque Córrego do Bispo.
- 3. Curso de água que passa sob a avenida Inajar de Souza.
- 4. Nome de parque visitado pela turma.
- 5. João ..., renomado artista da ZN.
- 6. Tipo de roupa que tinha a marca Pakalolo.
- 7. Terapia praticada na visita ao Centro Cultural da Juventude.
- 8. Peça dos ônibus do Terminal Cachoeirinha.
- 9. País de onde vêm crianças que estudam nas escolas da região.



Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Assistência de coordenação: Michele da Silva Soares
Texto final: Marcus Aurelius Pimenta
Ilustrações: Estúdio Rebimboca
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marcus Aurelius Pimenta e Estúdio Rebimboca, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-066-8



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

P644c Pimenta, Marcus Aurelius.
Cachoeirinha : o bairro da gente / organização Marcus Aurelius Pimenta ; ilustrações Estúdio Rebimboca — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-066-8
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Costumes. 6. São Paulo (SP). 7. Cachoeirinha (São Paulo, SP). I. Estúdio Rebimboca. II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

apoio



parceria



patrocínio

CYRELA



produção
executiva



realização





Era uma vez Cachoeirinha. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história do bairro era a sua própria história... O Parque Córrego do Bispo, a praça Pakalolo, o Arboreto, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita por estudantes das escolas municipais presentes no território.

apoio



parceria



patrocínio

CYRELA



produção
executiva



realização

